

OS ESCRAVOS

CASTRO ALVES

OS ESCRAVOS



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2020 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Texto
Castro Alves

Produção e projeto gráfico
Ciranda Cultural

Revisão
Project Nine Editorial

Imagens
Paul Craft/Shutterstock.com;
Gleb Guralnyk/Shutterstock.com;
Black creator 24/Shutterstock.com;

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

A474e Alves, Castro

Os escravos / Castro Alves. - Jandira, SP : Principis, 2020.
128 p. ; 16cm x 23cm. – (Literatura Clássica Mundial)

Inclui índice.
ISBN: 978-65-555-2064-4

1. Literatura brasileira. 2. Poesia. I. Título.

2020-1164

CDD 869.1
CDU 821.134.3(81)-1

Elaborado por Odílio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949

Índice para catálogo sistemático:

- 1.! Literatura brasileira : Poesia 869.1
- 2.! Literatura brasileira : Poesia 821.134.3(81)-1

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

A bainha do punhal.....	7
A canção do africano	9
A criança.....	11
A cruz da estrada.....	13
A mãe do cativo	15
A órfã na sepultura.....	18
A visão dos mortos.....	23
Adeus, meu canto	26
América	34
Antítese	37
Ao romper d'alva	39
Bandido negro	43
Canção do violeiro	47
Confidência.....	49
Estrofes do solitário.....	54
Fábula	57
Frades	60
Jesuítas e frades.....	61
Lúcia	63
Manuela	67
Mater dolorosa.....	72

O canto de Bug-Jargal	74
O derradeiro amor de Byron.....	77
O navio negreiro	80
O século	90
O sibarita Romano	95
O sol e o povo	98
O vidente	99
Prometeu	103
Remorso.....	105
Saudação a Palmares	108
Súplica	111
Tragédia no lar	113
Vozes d'África.....	122

A BAINHA DO PUNHAL

(Fragmento)

Salve, noites do Oriente,
Noites de beijos e amor!
Onde os astros são abelhas
Do éter na larga flor...
Onde pende a meiga lua,
Como cimitarra nua
Por sobre um dólmã azul:
E a vaga dos Dardanelos
Beija, em lascivos anelos
As saudades de 'Stambul.

Salve, serralhos severos
Como a barba dum paxá!
Zimbórios, que fingem crânios
Dos crentes fiéis de Alá!...
Ciprestes que o vento agita,
Como flechas de Mesquita
Esguios, longos também;
Minaretes, entre bosques!
Palmeiras, entre os quiosques!
Mulheres nuas do Harém!

CASTRO ALVES

Mas embalde a lua inclina
As loiras tranças pra o chão
Desprezada concubina,
Já não te adora o sultão!
Debalde, aos vidros pintados,
Aos balcões arabescados,
Vais bater em doido afã...
Soam timbales na sala...
E a dança ardente resvala
Sobre os tapetes do Irã!...

A CANÇÃO DO AFRICANO

Lá na úmida senzala,
Sentado na estreita sala,
Junto ao braseiro, no chão,
Entoa o escravo o seu canto,
E ao cantar correm-lhe em pranto
Saudades do seu torrão...

De um lado, uma negra escrava
Os olhos no filho crava,
Que tem no colo a embalar...
E à meia-voz lá responde
Ao canto, e o filhinho esconde,
Talvez pra não o escutar!

“Minha terra é lá bem longe,
Das bandas de onde o sol vem;
Esta terra é mais bonita,
Mas à outra eu quero bem!

“O sol faz lá tudo em fogo,
Faz em brasa toda a areia;
Ninguém sabe como é belo
Ver de tarde a papa-ceia!

CASTRO ALVES

“Aqueles terras tão grandes,
Tão compridas como o mar,
Com suas poucas palmeiras
Dão vontade de pensar.

“Lá todos vivem felizes,
Todos dançam no terreiro;
A gente lá não se vende
Como aqui, só por dinheiro.”

O escravo calou a fala,
Porque na úmida sala
O fogo estava a apagar;
E a escrava acabou seu canto,
Pra não acordar com o pranto
O seu filhinho a sonhar!

O escravo então foi deitar-se,
Pois tinha de levantar-se
Bem antes do sol nascer,
E se tardasse, coitado,
Teria de ser surrado,
Pois bastava escravo ser.

E a cativa desgraçada
Deita seu filho, calada,
E põe-se triste a beijá-lo,
Talvez temendo que o dono
Não viesse, em meio do sono,
De seus braços arrancá-lo!

A CRIANÇA

- Que veux-tu, fleur, beau fruit, ou l'oiseau merveilleux?

- Ami - dit l'enfant grec, dit l'enfant aux yeux bleus -

Je veux de la poudre et des balles.

Victor Hugo (Les Orientales)

Que tens criança? O areal da estrada
Luzente a cintilar
Parece a folha ardente de uma espada.
Tine o sol nas savanas. Morno é o vento.
À sombra do palmar
O lavrador se inclina sonolento.

É triste ver uma alvorada em sombra,
Uma ave sem cantar,
O veado estendido nas alfombras.
Mocidade, és a aurora da existência
Quero ver-te brilhar.
Canta, criança, és a ave da inocência.

Tu choras porque um ramo de baunilha
Não pudeste colher,
Ou pela flor gentil da granadilha?
Dou-te, um ninho, uma flor, dou-te uma palma,
Para em teus lábios ver
O riso, a estrela no horizonte da alma.

CASTRO ALVES

Não. Perdeste tua mãe ao fero açoite
 Dos seus algozes vis.
E vagas tonto a tatear à noite.
Choras antes de rir... pobre criança!...
 Que queres, infeliz?...
- Amigo, eu quero o ferro da vingança.

A CRUZ DA ESTRADA

Invideo quia quiescunt.

Luthero (Worms)

Tu que passas, descobre-te! Ali dorme

O forte que morreu.

Alexandre Herculano (Trad.)

Caminheiro que passas pela estrada,
Seguindo pelo rumo do sertão,
Quando vires a cruz abandonada,
Deixa-a em paz dormir na solidão.

Que vale o ramo do alecrim cheiroso
Que lhe atiras nos braços ao passar?
Vais espantar o bando buliçoso
Das borboletas, que lá vão pousar.

É de um escravo humilde sepultura,
Foi-lhe a vida o velar de insônia atroz.
Deixa-o dormir no leito de verdura,
Que o Senhor dentre as selvas lhe compôs.

CASTRO ALVES

Não precisa de ti. O gaturamo
Geme, por ele, à tarde, no sertão.
E a juriti, do taquaral no ramo,
Povoa, soluçando, a solidão.

Dentre os braços da cruz, a parasita,
Num abraço de flores, se prendeu.
Chora orvalhos a grama, que palpita;
Lhe acende o vagalume o facho seu.

Quando, à noite, o silêncio habita as matas,
A sepultura fala a sós com Deus.
Prende-se a voz na boca das cascatas,
E as asas de ouro aos astros lá nos céus.

Caminheiro! do escravo desgraçado
O sono agora mesmo começou!
Não lhe toques no leito de noivado,
Há pouco a liberdade o desposou.

A MÃE DO CATIVO

*Le Christ à Nazareth, aux jours de son enfance
Jouait avec la croix, symbole de sa mort;
Mère du Polonais! qu'il apprenne d'avance
A combattre et braver les outrages du Sort*

*Qu'il couve dans son sein sa colère et sa joie;
Quel ses discours prudents distillent le venin,
Comme un abime obscur que son cœur se reploie
À terre, à deux genoux, qu'il rampe comme un nain!*
Mickiewicz (A mãe polaca)

I

Ó mãe do cativo! que alegre balanças
A rede que ataste nos galhos da selva!
Melhor tu farias se à pobre criança
Cavasses a cova por baixo da relva.

Ó mãe do cativo! que fias à noite
As roupas do filho na choça da palha!
Melhor tu farias se ao pobre pequeno
Tecesses o pano da branca mortalha.